



Imagem 6. Giovanni Boldini, Conde Robert de Montesquiou, (1897). Óleo s/tela

Observa-se, ironicamente, n'O Primo Basílio, que o controle social e religioso quanto às normas da decência e decoro, não se exercia com muita rigidez sobre os homens.

O cinismo de Basílio, por exemplo, triunfa, e sua impunidade é garantida. Nesta época, como afirma Mary Del Priori: "ser libertino não significava apenas seduzir todas. Mas, sobretudo não se deixar seduzir". [7]

As personagens femininas também são veículos das críticas movidas pelo autor do romance. Em Luísa o que se critica é o transbordamento romântico.

Quando se apaixona e comete adultério ela perde a inocência e a noção de realidade. Confunde-se quanto aos valores e aos próprios sentimentos.

Mary Del Priori [8] fala sobre as dimensões de "ordem e desordem, amor e paixão", presentes nos valores e motivos das pressões, tornam-se visíveis no romance, nas aparências e vivências das mulheres.

A seleção de cores e tecidos na minissérie reforçou aspectos sociais e psicológicos da trama, acentuando sutilezas das relações entre personagens.

Leveza, suavidade e cores claras, por exemplo, distanciaram visualmente a Luísa romântica e superficial, de sua maldosa criada Juliana, evidenciando a tensão entre as duas.

Para Luísa, na primeira fase, a delicadeza vaporosa e transparente dos tecidos e o brilho luminoso da fisionomia, lembram sugestões das obras de Claude Monet (1840-1926) e de Gustav Klimt (1862-1918) [9]⁵.



Imagem 7. Claude Monet. La Promenade, la femme à l'ombrelle (detalhe), (1895).

⁵ Pintor e artista gráfico austríaco, iniciador da Sezession vienense. Inspirou-se no impressionismo, simbolismo e Art Nouveau. Foi muito requisitado como retratista e a luminosidade indicada pela figurinista para a personagem Luísa pode ser vista no retrato de Sonja Knips, de 1898.